

A ORALIDADE COMO FONTE DE PESQUISA EM HISTÓRIA REGIONAL

MAURÍLIO ROMPATTO*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma breve discussão em torno da metodologia de pesquisa do Projeto Memória do Noroeste do Paraná – Microrregião de Paranaíba. Trata-se de um Projeto de pesquisa em história oral implantado no Departamento de História da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranaíba em 1998 e desde então vem dando excelentes resultados.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; história; memória; oralidade; tradição;

ABSTRACT

This article aims to make a brief discussion of research methodology of the Memory Project of the Northwest Paraná - Microregion Paranaíba. It is a research project on oral history implanted in the History Department at State College of Science and Letters of Paranaíba in 1998 and since then has been producing excellent results.

KEYWORDS: research; history; memory; oral tradition.

Introdução

O *Projeto Memória do Noroeste* surgiu no ano de 1998 quando do início de nossas atividades docentes no departamento de história da FAFIPA. No ano seguinte, de 1999, assumiríamos a disciplina de História do Paraná, entre muitas outras que a falta de professor na época exigia. A disciplina de História do Paraná seria aplicada no curso pela primeira vez e por isso seu conteúdo era novidade. Além disso, inexistiam fontes para se preparar aulas sobre a história da região de Paranaíba.

Ao constatarmos de antemão que a região noroeste do Estado, onde também se encontra a FAFIPA é uma região de “colonização” recente, em que sua história pode ser escrita fazendo-se uso de fontes orais, lançamos aos alunos do curso o desafio da pesquisa através da história oral. Ou seja, propomos a eles que entrevistassem os “pioneiros” da “re-ocupação” de seus municípios. Foi assim que surgiu a proposta do Projeto Memória.

Ainda em 1998, a proposta do Projeto Memória foi apresentada no *I Fórum das Faculdades Estaduais*, através de uma comunicação intitulada “*A Memória da Colonização do Noroeste Paranaense – Microrregião de Paranaíba: a experiência e a proposta da Pesquisa*”. Durante a comunicação, que inclusive foi publicada nos anais daquele fórum, fizemos a seguinte observação: “(...) Considerando que o curso de História da FAFIPA oportuniza não só a formação do professor e do profissional da história, mas, sobretudo, a formação do pesquisador nessa área de estudo. Pelo fato de sua clientela ser constituída por alunos de Paranaíba e de cidades vizinhas e principalmente dessas últimas, donde vem sua maioria, percebe-se a possibilidade de através deles realizar pesquisas – em nível de iniciação científica – em suas cidades”.¹ A partir dessa constatação iniciamos então a execução do Projeto Memória do Noroeste do Paraná – Microrregião de Paranaíba na construção de fontes de estudos da História da região.

O Noroeste na Historiografia

Atualmente existe uma quantidade relativamente grande de pesquisas acadêmicas sobre história regional do noroeste do Estado. Seja em nível de mestrado ou em nível de doutorado a pesquisa da história regional do noroeste tem sido objeto de pesquisa de importantes programas de pós-graduação em história, em diversas universidades do Estado e até mesmo do país. Apesar disso, é pouco o material didático destinado ao ensino fundamental sobre a história dessa região. E ainda o pouco que existe traz diversos problemas de abordagem e de interpretação, uma vez que boa parte dele resulta de construções realizadas pelos agentes oficiais da re-ocupação, a partir dos anos de 1920. Segundo Lúcio Tadeu Mota, um estudioso no assunto, esses agentes oficiais são constituídos pela burocracia estatal e pela burocracia privada, pelos veículos de propaganda das colonizadoras e do Estado.²

A estes agentes descritos por Mota acrescentamos ainda as prefeituras dos municípios oriundos dessa re-ocupação que na tentativa de registrar sua história oficial elaboram seus históricos. Assim todo município possui um histórico ou uma história oficial cunhada a partir das informações que os colonizadores elaboraram a partir da compreensão que têm de si mesmos, não levando em conta acontecimentos como “invasões”, “conflitos”, que possam ter ocorrido na época. Em vez disso, diz Mota, ressaltam outros acontecimentos mais de acordo com seus interesses.

Estudando as construções históricas sobre a re-ocupação da região Norte do Paraná, Lúcio Tadeu Mota afirma que entre as décadas de 1930 e de 1960 o fenômeno da re-ocupação foi intensamente estudado pela academia. Nesse período, diz ele, a região foi:

(...) alvo de visitas, excursões, passeios científicos etc. Os relatórios das visitas, artigos, comunicações, ensaios e outros escritos dos geógrafos foram publicados, em sua maior parte, pela revista brasileira de geografia. Esses trabalhos foram e são bastante utilizados como fonte de referência para inúmeros textos acadêmicos acerca da região.³

Em geral esses estudos partiam de informações colhidas dos relatórios das empresas colonizadoras e de seus informes publicitários. Com isso, os estudos da revista brasileira de geografia não só endossa o discurso oficial do colonizador como lhe dá o status de conhecimento científico. Exemplo disso é um artigo publicado em 1950, pelo geógrafo Nilo Bernardes, no qual explica como o Estado vinha sendo ocupado. Nesse artigo Bernardes apresenta mapas “que demonstram como foram preenchidas as zonas desabitadas do Estado no correr dos anos”.⁴

Ainda segundo Mota: “o autor apresentou o norte e o oeste (ou seja, o noroeste) do Estado como um vasto sertão”. Ou seja, o termo sertão aqui empregado por Bernardes é, segundo Mota, o mesmo que “vazio demográfico”. Assim os trabalhos acadêmicos subsequentes, que têm por fonte os artigos da revista brasileira de geografia, são unânimes em afirmar a ideia de que o noroeste do Paraná antes dos colonizadores (dos ‘pioneiros’) era “um enorme vazio demográfico” pronto a ser ocupado por migrantes vindos de várias partes do país e do exterior. Deste modo, diz Mota “se os geógrafos cunharam as expressões, ‘sertão, terras devolutas, boca do sertão, mata virgem’ para designar que a região era um espaço vazio e as repetiram em seus trabalhos, os sociólogos e historiadores também as repetiram e deram continuidade a essa tradição de afirmar que os territórios colonizados no século XX estavam desabitados”.⁵

Em pesquisa recente realizada através do Projeto Memória ficou constatado que muitos migrantes que chegaram a época da re-ocupação do noroeste ainda reivindicam junto às prefeituras um lugar no *panteão dos pioneiros fundadores* dos municípios em que moram. Assim é comum ouvir da fala do “pioneiro” entrevistado, pelo Projeto Memória, frases feitas como: “aqui quando cheguei não tinha ninguém, não tinha nada, eu fui o primeiro a derrubar a mata, a construir o rancho, a plantar e a criar”. Ao justificar seu pioneirismo o colono pretende ser reconhecido pelos meios oficiais (no caso as prefeituras) como sendo o primeiro a chegar no lugar e às vezes até se arrisca em dizer que antes dele não havia mais ninguém. Nesse sentido a

ideia do “vazio demográfico” cunhado pelos donos das colonizadoras e difundido pela geografia e pela história oficiais acaba por formatar ao longo dos anos a ideologia do pioneirismo e produz, por assim dizer, marcas profundas na memória popular.

Essa construção ideológica, do “pioneiro excelência”, como diz Tomazi⁶ tem por objetivo, segundo Mota, apagar da memória popular a presença de outras populações que viveram na região e que foram expulsas dela pela própria colonização. “Com isso”, diz ele: “elimina-se propositadamente da memória regional as populações indígenas e caboclas que aqui viviam e resistiram à conquista de suas terras e à destruição de seu modo de vida”.⁷

O mais problemático de tudo isso é que essa modalidade discursiva que justifica o pioneirismo encontra-se difundida no material didático sobre a história regional do noroeste e ainda vem sendo utilizada nas escolas pelo professor que atua nas séries iniciais do ensino fundamental.

A problemática da história oral

Depois de problematizado o conceito de “pioneiro” passemos a um outro enfoque de nossa análise, que é a metodologia da pesquisa em história oral enquanto ferramenta de pesquisa da história local ou da história regional. Uma ferramenta, aliás, perfeitamente possível à pesquisa da história do noroeste uma vez que o fenômeno de sua re-ocupação é recente permitindo assim ao pesquisador de história a opção do depoimento oral como mais uma fonte de estudo sobre a história da região.

O Projeto Memória é um projeto de pesquisa que tem a história oral como fonte. Porém, a fonte oral ainda sofre de muito preconceito no meio acadêmico. Por isso, o incluir a oralidade no trabalho historiográfico tem se revelado uma tarefa das mais difíceis ao pesquisador, pois sempre que se tenta trilhar a pesquisa histórica por este caminho as tentativas esbarram no preconceito da tradição historiográfica positivista que têm por hábito considerar histórico apenas o fato registrado nos tradicionais documentos

escritos. Muitas vezes esse preconceito inviabiliza a pesquisa, em alguns casos até compromete o trabalho do investigador em história a exemplo do que ocorre quando se pretende estudar grupos ágrafos, ou seja, os que ainda não detêm a escrita como forma de comunicação, documentação e registro, e que em decorrência desse preconceito podem até ser excluídos da escrita da história.

Em geral esse preconceito vem fundamentado na dúvida que muitos historiadores têm em relação à veracidade do documento oral. O meio acadêmico não confia muito nessa modalidade de fonte. Segundo Carlos Frederico Corrêa da Costa,⁸ para os historiadores tradicionalistas, “a entrevista pode estar eivada de inverdade ou mesmo constituir uma *memória seletiva*”. Esse mesmo autor ao defender o uso da fonte oral rebate a tese de que o documento oral pode estar eivado de inverdade e, vai além ao afirmar que a inverdade pode estar implícita também no documento escrito. Diz ele: “como se com o documento escrito não ocorresse o mesmo risco, ao se privilegiar um documento em detrimento do outro, ao se dar uma interpretação oposta às intenções do autor”.⁹ Assim, todo e qualquer documento histórico pode estar eivado de inverdade. Pois não há uma verdade absoluta. O que existe são “verdades” relativas construídas segundo os interesses de indivíduos, de grupos ou de classes sociais, que determinam o conteúdo de qualquer documento durante sua elaboração. Assim, nem o documento escrito e nem o documento oral, estão isentos da parcialidade ou possuem a verdade no sentido absoluto como desejam os tradicionalistas, mas podem estar comprometidos com a verdade que é relativa aos interesses os mais variados possíveis.

Apesar do preconceito e da resistência acadêmica entre os “historiadores tradicionalistas” em relação ao documento oral, a oralidade como fonte de pesquisa vem ganhando força, principalmente, entre os que a aceitam como expressão de realidades vividas por pessoas, ou grupos de pessoas de diferentes culturas e, particularmente pelos grupos que não detêm a sua história registrada pelos meios oficiais. Para esses historiadores livres de preconceitos e desejosos de uma pesquisa histórica sem exclusão deste ou

daquele grupo social, a cultura expressa na oralidade uma vez registrada, gravada e transcrita, sua transcrição transforma-se numa importante criação documental. Ou seja, o texto produto da transcrição do depoimento oral torna-se uma importante fonte de pesquisa como qualquer outra fonte que possa merecer entre seus “pares” tradicionais (os documentos escritos) o status de documento histórico.

Procedimentos metodológicos

O *Projeto Memória do Noroeste* é um projeto de pesquisa em história oral que tem por objetivo preparar documentos gravados e transcritos para serem utilizados pelos pesquisadores do futuro. Os entrevistados neste caso são os “pioneiros” da re-ocupação da região noroeste do Estado. Como o conceito de “pioneiro” já foi problematizado anteriormente, não vemos necessidade de discorrer muito mais sobre o assunto, só nos resta afirmar que esse “pioneiro” alvo da pesquisa de história oral do Projeto Memória é o “pioneiro” da re-ocupação, uma vez que a região havia sido ocupada antes por indígenas e caboclos, bem antes das companhias e do Estado promover o loteamento dessa área de terras. Por isso, toda vez que empregamos esse conceito o fazemos entre aspas.

Por ser a FAFIPA uma faculdade localizada numa região de re-ocupação recente como o noroeste é que propomos em 1998 o Projeto Memória. A maioria dos alunos da FAFIPA, assim como do curso de História, vem dos municípios vizinhos de Paranavaí, que com este abrangem uma vasta área que se estende por quase toda a região. Assim cada aluno do curso de História que participa do Projeto Memória fica encarregado de realizar uma pesquisa de campo sobre a história de seu município. Nessa pesquisa ele reúne informações, coleta dados, documentos e fotografias e realiza entrevistas com os “pioneiros” da re-ocupação dessas localidades. Deste modo tanto o aluno que mora em Paranavaí quanto o que vem da região ao participar do Projeto Memória, se torna um importante catalisador da informação oral e documental sobre a história recente da maior parte

dessa região paranaense. Este aluno se vê inserido no contexto da história local de seu município e, assim, identifica-se com o objeto proposto pelo Projeto Memória (com a história local) muito mais do que se a pesquisa fosse confiada a pesquisador de outra localidade distante sem vínculo algum com a história regional a ser pesquisada. Os primeiros contatos, que além do agendamento, servem para estreitar a relação entre entrevistador e entrevistado é neste caso abreviada pelo conhecimento e comprometimento que este aluno tem com as questões locais e, principalmente, por sua proximidade com o “pioneiro” da re-ocupação, alvo das entrevistas. Na maioria das vezes esse “pioneiro” pode ser seu vizinho ou até mesmo um parente muito próximo, como pai, tio ou avô. Por razões óbvias, a identificação do pesquisador com o objeto de estudo viabiliza a pesquisa da história local pela metodologia da história oral. Mesmo assim nunca é demais lembrar que a confiança e a ética constituem-se nos pilares básicos em qualquer pesquisa acadêmica, mas, sobretudo, na pesquisa de história oral. Segundo Costa, “o que se deve evitar, primordialmente, é a gravação sem aviso. Jamais se deve gravar qualquer coisa sem a anuência do entrevistado”.¹⁰

O aluno que se inscreve no Projeto Memória tem que participar antes do curso de extensão de ensino: “A História Oral Como Metodologia de Pesquisa – Memória & História”. Trata-se de um curso preliminar à execução do Projeto Memória e tem por objetivo o ensino das técnicas de pesquisa em história oral. Ao término do curso o participante é submetido a uma avaliação para verificação se aprendeu ou não as técnicas, uma vez aprovado e apto ele elabora um projeto de pesquisa em história oral que em seguida deve ser executado na pesquisa de campo do Projeto Memória. Nesse projeto de história oral o aluno deixa claro que o alvo da sua pesquisa é o “pioneiro”. Como diz Costa: “A História Oral é essencialmente uma história de vida que ao historiador ou ao pesquisador interessa somente aquela determinada pessoa que presta informações, pois só ela tem condições para tal, por suas experiências”.¹¹

Segundo Costa, a história oral é uma metodologia de pesquisa, que tem por objetivo “preparar documentos gravados e transcritos para serem utilizados pelos pesquisadores do futuro”. Em seguida ele conclui: “Dois elementos importantes caracterizam o documento de história oral e o difere dos demais documentos tradicionais e historicamente aceitos: a espontaneidade do registro da informação gravada e a intencionalidade da preservação para o futuro”.¹² Uma característica que os documentos tradicionais não têm, pois a maioria é escrita para finalidades imediatas e diversas, nem sempre visando sua preservação para o futuro, como ocorre no documento oriundo da pesquisa oral.

Ao elaborar seu projeto de pesquisa, “pois sem projeto não se pode fazer história oral” – diz Costa, o pesquisador deve definir qual a modalidade de história oral que irá pesquisar, se é história oral de vida, história oral temática ou tradição oral. A história oral de vida é a narrativa do conjunto de experiências de vida; a história oral temática é a versão de um fato específico que se está investigando e a tradição oral é o resgate de histórias de domínio público, de domínio coletivo, mas que ainda não está registrado e que neste caso espera pela intervenção do historiador de história oral para que seja documentado.¹³

Durante a execução do Projeto Memória, verificamos a coexistência dessas três modalidades de pesquisa. O ponto de partida do entrevistador no Projeto Memória é a história oral de vida do entrevistado, onde ele busca sempre a trajetória de vida do “pioneiro” desde sua origem até sua chegada ao lugar de destino e, principalmente, as dificuldades encontradas para estabelecer-se na nova localidade. Durante a primeira entrevista e com perguntas de onde veio, porque veio e quais foram as dificuldades encontradas no novo lugar, o entrevistador capta do “pioneiro” suas experiências de vida, no que seriam em parte, sua história oral de vida.

A história oral temática se revela quando essa trajetória culmina na história da re-ocupação da nova localidade, dando-se destaque aos temas da migração, da colonização que deu origem ao povoado. Às vezes as questões levantadas na primeira entrevista revelam algum conflito pela posse da terra

durante seu processo de re-ocupação. Neste caso, a evidência oral acaba redefinindo, ainda que hipoteticamente, um tema a ser investigado, mudando os rumos da pesquisa original, que deixa de ser uma pesquisa de história oral de vida para ser uma pesquisa de história oral temática. Ou seja, quando o tema do conflito pela posse da terra aflora logo na primeira entrevista, a história oral de vida do entrevistado deixa de ser o centro da questão e passa a ter destaque na pesquisa o tema da luta pela terra, bem como os conflitos gerados em torno dele.

Algumas vezes a tradição oral pode ser o ponto de apoio do pesquisador/entrevistador, porque nem sempre ele encontra o “pioneiro” da re-ocupação do lugar que se está pesquisando para dar a entrevista. Sendo a história do novo lugar de domínio público o pesquisador entrevista outros que chegaram depois do “pioneiro”. Podendo ser alvo da entrevista um dos filhos ou até mesmo um dos netos do “pioneiro” que através das “histórias” contadas pelo pai ou avô, tomaram conhecimento do assunto. Neste caso o pesquisador/entrevistador pode utilizar-se da tradição oral herdada pelos filhos e netos dos “pioneiros”. De acordo com Walter Benjamin, em seu texto *O Narrador*: “... narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando”. Segundo ele: “o narrador colhe o que narra na experiência própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história”.¹⁴

Como já salientamos anteriormente, o aluno que participa do curso de extensão de ensino, “A História Oral como Metodologia de Pesquisa”, no final do mesmo elabora o projeto de pesquisa de história oral, redefinindo a modalidade, entre as modalidades acima, que irá utilizar em sua pesquisa e o grupo de pessoas, ou colônia, que irá entrevistar para o Projeto Memória. Em seguida, ele elabora o questionário preliminar através do qual irá realizar a entrevista. Esse questionário preliminar é composto pelas três questões de corte, já mencionadas, a saber: de onde veio, porque veio e quais foram as dificuldades encontradas no novo lugar. Questões estas que têm permeado todas as entrevistas do Projeto Memória. Em primeiro lugar, porque são questões estratégicas que servem para o pesquisador captar as experiências

de vida dos entrevistados, em toda a sua trajetória de imigrante, desde sua origem até seu estabelecimento no lugar de destino. Uma trajetória normalmente cheia de representações e de significados. Em segundo lugar, porque a partir dessas experiências extraídas da primeira entrevista, o entrevistador pode (e deve) elaborar outro questionário com questões de aprofundamento, mais específicas, para responder ou preencher às lacunas deixadas num primeiro momento.

Assim como na pesquisa da história em geral, o conflito entre grupos ou classes sociais deve ser também o alvo do historiador na pesquisa da história oral. Buscar respostas para as lacunas deixadas no depoimento preliminar, do que ficou implícito entre o dito e o não dito, deve ser sempre a meta do pesquisador/entrevistador. Essa tem sido a meta dos que participam da pesquisa do “Projeto Memória do Noroeste do Paraná”, desde 1998, quando esse projeto foi implantado no Departamento de História da FAFIPA.

As fontes documentais

Além das entrevistas orais dos “pioneiros” da re-ocupação da região noroeste do Paraná o Projeto Memória visa ainda a pesquisa por fontes documentais e iconográficas, tais como os históricos dos municípios, documentos pessoais e fotográficos (álbuns de família), que se constituem em importantes fontes de pesquisa. Estes documentos são cedidos ao entrevistador/pesquisador pelos próprios entrevistados no ato da entrevista. As doações e empréstimos, bem como as autorizações prévias para cópias, ocorrem mediante os termos legais de cessão. No Projeto Memória, as entrevistas são arquivadas em três versões: gravadas em fitas cassetes ou VHS (atualmente as gravações mais antigas estão sendo copiadas CDs, DVDs, etc.); transcritas e impressas e, por fim digitalizadas e gravadas em pen-drives ou em outros suportes magnéticos, a exemplo de HDs. A reprodução das fontes orais em material magnético é também uma forma de garantir sua preservação.

A utilidade das fontes

É possível estabelecer um diálogo entre a história veiculada pelos meios oficiais, sobre a história da colonização de Paranaíba e região com as fontes orais e iconográficas pesquisadas a partir do acervo do Projeto Memória. Como dissemos no início existem duas histórias, a que vem dos meios oficiais dos colonizadores, principalmente dos históricos dos municípios e a que vem da representação popular a partir dos depoimentos orais colhidos dos “pioneiros”.

A partir da pesquisa do acervo do Projeto Memória e de sua confrontação com os conteúdos veiculados pela história oficial é possível desconstruir o discurso do vazio demográfico e do pioneirismo e tudo o que esse discurso procura ocultar, trazendo à tona o que realmente ocorreu durante o processo de re-ocupação da região. Dessa história popular presente na oralidade pode emergir uma outra história cheia de conflitos, mas que os meios oficiais por razões óbvias não têm interesse em divulgar.

Deste modo a evidência oral em confronto com a história oficial possibilita outras formulações ou abordagens acerca da história local.

Além de fontes para pesquisa e estudos da história regional do noroeste do Estado do Paraná, as entrevistas, os documentos e as fotografias do Projeto Memória servem de fontes para a formulação de material didático com conteúdos para o ensino da história local. Na área da didática ou do ensino da história a instituição dos chamados temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (documento que fornece as diretrizes para a educação brasileira) sugere ao professor da educação básica (ou séries iniciais do ensino fundamental) a possibilidade de se trabalhar temas interdisciplinares com alunos nessa idade escolar, principalmente os temas relacionados aos estudos sociais como a história de sua comunidade imediata, a história do bairro e da rua onde mora, da escola onde estuda, enfim, dos espaços de seu próprio convívio. Assim, a memória dos pais e avós pode servir de fonte para a compreensão de sua história.

Neste caso a geografia também pode ser uma importante aliada da história já que possui subsídios teóricos e metodológicos para o entendimento das transformações do espaço. Paranavaí e cidades vizinhas se enquadram perfeitamente nas chamadas cidades de ocupação recente, onde existe uma facilidade grande de aplicação do depoimento oral ou da chamada memória viva em sala de aula, já que as pessoas denominadas “pioneiras” da re-ocupação acompanharam praticamente toda a transformação da região nos últimos 70 anos e, muitas delas ainda podem ser entrevistadas. Por terem vivido as mudanças ocorridas no espaço em que vivem os “pioneiros” da re-ocupação são de grande valia para a compreensão da história local, conteúdo de estudos sociais nas séries iniciais do ensino fundamental.

NOTAS

* Professor do Departamento de História da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranavaí. História, com mestrado em História do Brasil pela PUC-SP (1995) e doutor em História pela Unesp (2004). Atuo na área de História Regional do Brasil (História do Paraná). Pesquiso na área de História regional e história oral. E-mail: mrompatto@ibest.com.br

¹ ROMPATTO, Maurílio. “A Memória da Colonização do Noroeste Paranaense – Microrregião de Paranavaí: a experiência e a proposta de pesquisa”. Paranavaí-PR: Anais do I Fórum das Faculdades Estaduais do Paraná, 1998, p. 19.

² MOTA, Lúcio Tadeu. *História do Paraná: ocupação humana e relações inter-culturais*. Maringá: Eduem, 2005.

³ MOTA, 2005, *op. cit.* p. 75.

⁴ *Idem, ibidem.*

⁵ Mota, *op. cit.* p. 76.

⁶ TOMAZI, NELSON DACIO. *Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná*, in GONÇALVES, José Henrique Rollo e DIAS, Reginaldo Benedito. Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: Eduem, 1999.

⁷ MOTA, 2005, *op. cit.* p. 75.

⁸ Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁹ COSTA, Carlos Frederico Corrêa da. *Aspectos teóricos/metodológicos da História Oral*. Aquidauana-MS: Departamento de História (*mimeo*). p. 17.

¹⁰ *Idem*, p. 51.

¹¹ *Idem*, p. 08.

¹² *Idem, ibidem*.

¹³ (*Idem*, p. 18).

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 62-67.